

REGENERADOR — LIBERAL

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

Cytopographia e impressão
Rua D. Antonio Barroso, 29-31

Redacção e administração
Rua D. Antonio Barroso

Editor responsavel
FERNANDO MONTEIRO

MEDIDAS DE... SALVAÇÃO PUBLICA

Quando, em janeiro, se abriu o parlamento, o primeiro cuidado do governo foi apresentar as celebres propostas de fazenda que, devido ao energico protesto do commercio, cuja iniciativa se deve á Associação Commercial de Lisboa, foram engulidas, com rara pericia, pelo respectivo ministro e pelos seus illustres collegas, pois todos eram paes d'aquella enorme ninhada.

Antes, porém, das referidas propostas terem tido a sorte de que eram merecedoras, o governo, para se sangrar em saúde, fez constar *urbi et orbi*, pelas suas gazetas, que as medidas levadas ás Cortes pelo ministro da fazenda deviam ser approvadas por todos os motivos e, principalmente, por serem de *salvação publica*, visto haver absoluta e immediata necessidade de diminuir e até fazer desaparecer o *deficit*.

Apesar da boa e patriótica vontade do governo em querer fazer desaparecer o *deficit* e de appellar para os nobres sentimentos da nação, a manifestação sollemnissima de protesto que se realisou no dia 14 de março, em Lisboa, e que se repercutiu em todo o paiz, atirou para o cesto dos pa-

peis rasgados as taes propostas de que o governo fazia cavallo de batalha para salvar o paiz da miseria em que se encontra.

Passado pouco tempo foi dissolvida a camara dos deputados e encerrado inconstitucionalmente o parlamento por ordem do mui inclito presidente do conselho.

O paiz ficou sem parlamento, sem a approvação indispensavel das medidas chamadas de *salvação publica*, e tudo continuou caminhando como até então.

Vem um ministro dizer ao paiz que certas e determinadas medidas são de *salvação publica* e que se torna absolutamente indispensavel a sua immediata approvação.

Essas medidas não vingam, ninguém mais fala n'ellas e continuamos exactamente com a vida que tínhamos. Mezes depois, apparece outro ministro que vem fazer as mesmas affirmações e as suas propostas não conseguem obter a sanctção parlamentar e o paiz vae-se mantendo do mesmo modo, não se dando a menor alteração na nossa vida.

O que succede? O que é de esperar.

Toda a gente se convence de que o governo zomba com o paiz, que a pomposa phrase — *salvação publica* — não passa de uma *hespanholada* e que a verdadeira situação economica e financeira de Portugal não é tão

critica e tão ruinosa como o governo a pinta, para conseguir os seus fins.

E tanto mais facil é adquirir essa convicção, que o publico vê que os esbanjamentos e orgias continuam, apesar de não haver medidas de *salvação publica*.

Arreigada aquella convicção, o povo acaba por se convencer de que o que dizem os governos não se escreve, para elle tudo serão historias da Carrocinha, e que para sua tranquillidade e bem estar, não deve dar ouvidos ao que os governos affirmam.

N'estas condições, quando chegar o verdadeiro momento do perigo em que seja realmente necessario todos nós contribuirmos para que o paiz reconquiste os seus bons creditos e fague fielmente os seus compromissos, honrando o seu nome, outr'ora glorioso, difficil será convencer o povo de que souu a hora fatal da *salvação publica*!

A imbecilidade da maioria dos governos se deve o tristissimo futuro que nos espera!

SOBRINHO DO IRMÃO

Um bispo mandou chamar um padre que se dizia ter uma criada e filhos d'ella.

—«Diga-me cá, de quem são aquelles meninos que tem em sua casa?»

—Saberá V. Ex.ª, que são sobrinhos de meu irmão.

O bispo não pôde conter o riso, e deixou de fulminar o padre.

Nós ficamos completamente desapontados.

—Que disparate, — diziam interiormente, olhando, cabiscaldos, uns para os outros.

Felizmente fr. Joaquim, depois, deu-nos ordem para bebermos a vontade.

Tinha muito disto, e era tal vez por isso mesmo que tanto gostavamos delle.

II

Desandaram tres mezes.

Outubro entrava um pouco arripado, com tons amarellos, encolhido e rachitico.

As arvores, pela matta, iam-se despoando das folhas, crispando os braços quasi esqueleticos, numa convulsão doída de sofrimento intimo.

Havia um ranger queixoso de fofhagem secca, ao longo dos atalhos e vias de transitio.

As fontes, desfallecidas, resavam

Perdido para sempre

Um dia eu percebi que o teu olhar, cheio de seducção o meu fitava. Não foi preciso mais p'ra te adorar para tornar minha alma tua escrava.

Deixei-me arrebatado. Qual marcante perdido entre os escolhos segui sempre essa luz inebriante que vinha dos teus olhos.

Continuei perdido. A luz que eu via não fôra a mim lançada. Era illusão. Quanto mais a buscava, mais fugia deixando-me em completa escuridão.

Prestes a sossobrar, assim andei desamparado, louco, a tras de ti, luctando pela vida e, nem eu sei, que tempo assim perdi.

Depois, do teu desdem, surge a paixão, o desespero, a dor; e, já sciente de que irias matar-me o coração pedi-te mis'ricórdia. Inutilmente.

Ouviste as minhas tristes expressões; ouviste-me chorar, e, nem sequer quizeste ter p'ra mim as atenções que tem qualquer mulher.

Foi o golpe final. Meu coração não pôde resistir. Tanto soffreu, tanto se esphacelou que, desde então, jámais pulsou d'amor. Parou... Morreu!...

ARTHUR PORTELLA.

(15) FOLHETIM

SOUSA MARTINS

O EGRESSO

2.ª parte

NO COLLEGIO

Um dia estavam em recreio, junto de um laranjal, perto duma fonte.

Um calor ardentissimo.

Era a hora da sesta.

A sede abrasava.

Todos pediamos agua, porque não se podia beber sem licença.

Fr. Joaquim mandou buscar um copo de vidro, que devia levar p'ra cima de 2 litros.

Encheu-o de agua, espremeu algumas gottas de laranja azeda no liquido, e collocou-o no meio de nós.

Estavamos suspirando por refrescar a garganta, e parecia-nos já saborear aquella ambicionada frescurinha.

Fr. Joaquim começou a contar uma historia:

Um dia el-rei David andava em guerra com um povo visinho.

A lucta prolongou-se por muitas horas, e el-rei David ia-se morrendo de sede. Proximo havia uma cisterna, mas ficava para lá do exercito inimigo. Dois dos seus generaes, compadecidos e arriscando a propria vida, pegaram das espadas, cortaram corajosamente por entre as hostes contendoras, e voltaram, em breve, com um vaso de agua.

El-rei David, cheio de commoção, disse: «Não quero beber o sangue dos meus bravos», e fez isto...

E fr. Joaquim, lançando mão do copo de agua fresca, derramou-a no chão.

uma esmola reconfortante ás chuvas que, então, começavam a cair, torrencias.

Na nossa vida pacata de seraphicos simples, mas algo indisciplinados, nenhuma mudança notavel se tinha dado, mas tudo levava a prever um novo estado de coisas.

Ameaças eram feitas constantemente por alguns arautos da má morte, sempre pregoeiros de coisas ruins.

Uma remessa de 8 frades, ainda novos, estudantes, chegara, por esses dias do lado de Peniche.

Falava-se com insistencia na vinda do padre *visitador*, uma especie de Messias que viria dar uma nova feição a todo o governo da provincia franciscana, em Portugal. Tratava-se de uma reforma geral, diziam, que devia começar por fr. Domingos, que iria ser substituido no cargo de provincial.

Ora eu antes de fallar do tal padre *visitador*, vou dizer o que de-

pois soube a respeito de fr. Domingos.

Era este religioso da provincia de Traz-os-Montes, ahi das proximidades de Chaves.

Seguira, de bem novo, os estudos ecclesiasticos, e ordenara-se ainda no seculo, entregando-se, depois, ás pregações apostolicas, conseguindo, em breve, notavel nomeada como um dos mais insignes missionarios da sua terra.

Um dia, aborrecido, talvez do mundo e capacitado de quanto são volúveis e inconstantes os gosos terrenos, mesmo os licitos, dominado pela ideia religiosa, dirigiu-se ao convento de Varatojo onde, após a expulsão dos frades em 34, se tinham reunido antigos religiosos, ahi por 1870, em companhia de outros padres seculares, ambiciosos do retiro e tranquillidade monastica.

Era, então, superior daquella casa,

TYPOGRAPHIA E PAPELARIA SOUCASAUX

O MAIOR DEPOSITO DE IMPRESSOS DO NORTE DE PORTUGAL

OFFICINA JUNTO AO CAFE MATTOS

PAPELARIA JUNTO AO CAFE PAULA

Depois de termos desenvolvido em Barcellos a typographia em condições de satisfazer ás necessidades da terra—que precisava recorrer a extranhos para tudo que dissesse respeito a trabalhos da arte—fomos mais longe ainda, estendemos a esphera da nossa acção a todas as terras do Minho e, assim, do nosso deposito de impressos, sortimos hoje—sobretudo dos modêlos do fóro—os escriptôes, notarios, delegados, etc. da Braga, Vianna, Villa Verde, Ponte do Lima, Barca, Arcos, Monsão, Melgaço, etc. Como se isto não fosse sufficiente, fomos mais além: criamos o gosto e necessidade das facturas, dos envolveros, dos cartões impressos, a que hoje, garantimol-o, nem sequer é alheio o mais humilde

profissional de Barcellos! Temos machinas para: picotar recibos, para cortar papel, para tirar cravação, para imprimir cartões, etc. Actualmente negociamos a compra de uma machina rotativa, do typo mais perfeito que está produzindo a industria moderna, com a qual contamos fazer trabalhos completamente acabados.

A obra estava incompleta, havia alguma cousa que faltava: a **papelaria**, que acompanhasse o progresso da officina typographica. Animados, pois, da melhor das vontades, n'um dos melhores pontos da villa estabelecemo-nos com essa especialidade, de maneira a satisfazer ahí os mais exigentes.

Impressos: Tudo, tudo quanto diga respeito á arte typographica o fazemos e limitamos os nossos preços de, uma a não dar direito que ninguém vá fóra da terra—proteger industria similar. Eis a nossa divisa: «perfeito, rapido e barato».

Deposito de impressos: E' o maior do Norte de Portuga—destinados a parochos, confrarias, juntas de parochia, fiscaes dos impostos, militares, escriptôes de direito, no-

tarios, delegados, etc. Temos **processos de contas e orçamentos** para juntas e confrarias organizados conforme a lei, e que vendemos a 60 réis!

Agencia de publicações: Estamos já em relação com as principaes casas editoras do paiz, achando-nos habilitados a mandar vir qualquer obra litteraria, scientifica, etc. sem com isso aggravarmos o preço indicado n'ella.

Geranica: Temos á venda a do typo da Baviera. Ha uma diversidade de peças interessantes, a escolher, em lotes de 50, 60, 70, 80, 100 réis e mais preços. Breve costamos ter em deposito a typo das Caldas da Rainha. Que ambos se fabricam n'este concelho.

Livros escolares: Possuimos todos os adoptados pela nova reforma.

Papelaria: Sortimento completo de papeis e livros para commercio e aprestos para escriptorio e desenho. Caixas de papel e envelopes, a principiar em 160 réis! Jogos de regoas. Papelão.

Chromos: Rica collecção de chromos, alguns dos quaes constituem o mais interessante, o mais artistico typo para brindes com indi-

cações para: Bons annos, Felicitações, Amizade, etc.

Cacau puro, que substitue economicamente o café e o chocolate, não tendo o inconveniente d'estes, pois nem é irritante nem produz embaraços gastricos, sendo de uma bebida agradável ao paladar, aromatica e muitissimo alimentar. Basta uma simples colher de chá, deitada em leite ou agua a ferver.

PASTELARIA E CONFEITARIA CONFIANÇA

DE

MANOEL JOAQUIM DUARTE SALVAÇÃO

13 E 15, RUA DIREITA, 17 E 19 -- BARCELLOS

E' uma das primeiras confeitarias n'esta villa, com numerosa freguezia, não só n'esta localidade como em Lisboa, Porto, Braga e Vianna do Castello, etc., para onde exporta a miude a

Especial lanjanja de doce de Barcellos

magnifico pão de ló, pasteis de massa e carne, queijadinhas e outras variedades. A confecção do doce é esmeradissima, observando-se rigorosamente a limpeza e sendo o seu fabrico de primeira qualidade.

Esta casa é a primeira n'este genero.

Premiado com a medalha de prata

Deposito de vinhos finos e do douro, qualidades especiaes. Conservas. Azeitonas em latas. Mostarda franceza. Doce de calda. Bolachas finas de Lisboa e Porto, e mais artigos que é difficil enumerar.

Especial café do Rio eilhas, em pacotes e avulso.

N. B.—Esta casa não faz doce para vender em romarias, sendo o seu fabrico especial.

CURSO NOCTURNO

Instrução Primaria — 1.º e 2.º grau

Curso elementar do commercio. Português, francês, noções de geographia geral e historia patria, arithmetica pratica e noções de escripturação mercantil.

A matricula achá-se aberta no «Externato Barcelense» — Rua Direita, 27.

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Assignatura extraordinaria

A empresa proporciona uma assignatura extraordinaria a preços tão reduzidos que a aquisição da **Illustração Portuguesa** fica d'este modo assombrosamente economica.

O «Seculo», a «Illustração Portuguesa» e o «Supplemento Humoristico do Seculo» assignam-se, em globo, pelos seguintes preços:—95000 réis por anno—46500 por semestre—23250 por trimestre—750 por mez.

Assignatura ordinaria

Portugal, ilhas e ultramar — Anno, 85000 réis; semestre, 43000; trimestre, 23000.

Brazil—Anno, 525000 rs. fracos; semestre, 305000 rs. fracos
Territorio da União Postal—Anno, 10:000; semestre, 5:500

Numero avulso 200 réis

A' venda em Lisboa: na séde da Empresa, rua Formosa, 43, e em todas as tabacarias e livrarias; no Porto: Tabacaria Arnaldo Soares; e em todas as terras do paiz, nas agencias da Empresa d'«O Seculo».

OFFICINA DE CARPINTERIA

DE

MANOEL RODRIGUES DA CRUZ LIMA

Campo de D. Luiz 1.º Barcellos

Soalhos aparelhados de 300 réis e mais preços o metro quadrado.

Esquadrias de castanho, succce, Pitch-Pine e pinho da terra, a principiar em 650 réis e mais preços o metro quadrado, segundo o desenho de figura.

Esta officina é a unica que em Barcellos pôde construir mais rapidamente, offerecendo aos proprietarios mais vantagens, porque tem sempre material prompto para construcções.

Executam-se com a maior perfeição, e segundo os ultimos desenhos architectonico, construcções com a maior rapidez possivel e por preços muito convidativos, tanto de empreitada como a jornal.

O proprietario d'esta carpinteria tem tambem, em armazem, grande quantidade de madeiras de todas as qualidades, que vende por preços limitadissimos.